

LOWIE, Robert H. Edward B. Tylor. Tradução de Raoni Borges Barbosa. **RESC Revista de Estudos SocioCulturais**, v1., n.1, jan-jul de 2021, p. 117-122, ISSN (Em Solicitação).

EDWARD B. TYLOR

Robert H. Lowie¹

Tradução de Raoni Borges Barbosa

Edward B. Tylor, que morreu em 2 de janeiro de 1917 aos oito e quatro anos de idade, há muito tem sido uma personalidade histórica. Tylor, como igual e companheiro de armas de Wallace, de Huxley e de Spencer, destacou-se como uma das últimas figuras enraizadas na era heróica da Ciência dos novecentos. Enquanto reitor de etnólogos por dois anos, Tylor representou sua Ciência perante estudantes de outros ramos do conhecimento e, - graças à alta qualidade literária de seu estilo de escrita, - também perante leigos eruditos. Tylor foi lido e citado por psicólogo e historiador, biólogo e filósofo, e por todos os interessados nas trajetórias e pensamentos do *homem primitivo*. E enquanto o círculo de sua influência se alargava, Tylor preservou o respeito profundo e crescente de seus colegas de profissão. Mesmo com o grupo irreverente de pesquisadores de campo dos EUA que rejeitou a escola clássica de etnólogos, seu prestígio permaneceu inalterado e sua lealdade foi do tipo que Tylor mesmo defendia - nenhuma aceitação servil de princípios, mas uma obediência aos métodos "através de melhores evidências para fins superiores".

Edward Burnett Tylor nasceu em Camberwell, em 2 de outubro de 1832, e foi educado na Grove House School, Tottenham. Após uma breve carreira empresarial, Tylor teve a oportunidade de viajar por vários anos. Em 1856 visitou o México na companhia de Henry Christy, um antropólogo a cujo estímulo pessoal Tylor prestou uma homenagem generosa na segunda edição das *Pesquisas*. A viagem americana levou à primeira publicação de Tylor, um livro sobre *Anahuac; ou México e seus mexicanos* (1861). Anos depois, foram publicadas as *Pesquisas sobre a História da Humanidade* e o *Desenvolvimento da Civilização* (1865). Este trabalho lançou as bases teóricas e etnográficas da publicação de *Cultura Primitiva: Pesquisas no Desenvolvimento da Mitologia, Filosofia, Religião, Linguagem, Arte e Costumes*. Em 1881, Tylor escreveu um livro muito útil sobre *Antropologia: uma Introdução ao estudo do Homem e da Civilização*.

¹ Texto publicado originalmente em *American Anthropologist*, abril – junho de 1917, New Series, v. 19, n. 2, p. 262-268. A presente tradução para a **RESC Revista de Estudos Socioculturais** tem fins exclusivamente educacionais e de divulgação científica de textos clássicos da Antropologia.

Embora não tenha se formado naquela universidade, Tylor se vinculou a Oxford, tanto na qualidade de curador do Museu da Universidade quanto como professor, sendo *conferencista em antropologia* de 1884-1895 e *professor* de 1895-1909, quando, então, se tornou emérito. Das inúmeras honras conferidas a Tylor, apenas duas precisam ser mencionadas aqui. Tylor foi eleito para uma bolsa pela Royal Society em 1871 e sagrado cavaleiro em 1912. Um volume de *Ensaio Antropológico* apresentado a Edward Burnett Tylor em homenagem a seu 75º aniversário prestou testemunho do respeito de seus colegas de trabalho. A bibliografia que conclui aquele volume indica o número extraordinário de contribuições menores e dispersas produzidas por Tylor ao longo dos anos, e ficamos sabendo com profundo pesar que uma grande obra em preparação há muitos anos jamais fora publicada, e que também foi esse o destino de suas dez *Palestras Gifford sobre Religião Natural* proferidas em Aberdeen em 1889-1890².

A característica mais óbvia que distingue o trabalho de Tylor daquele de seus contemporâneos e sucessores ingleses consiste na universalidade de seus interesses etnológicos. Outros estudiosos, como Lang e Frazer, estavam predominantemente ocupados com problemas sociológicos e religiosos. A perspectiva de Tylor abarcou, para citar sua própria definição de cultura,

aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

Tylor foi igualmente atraído pela descrição de um *fole malgaxe* e por um relato da *couvade sul-americana*³, assim como pelo processo de *fevura da pedra* e pela *mitologia solar*.

Na postura de Tylor em relação à imensa massa de fatos com a qual sua versatilidade o colocou em contato, um traço psicológico distinto se manifesta - seu senso intuitivo de aptidão. Devemos lembrar a natureza dos dados disponíveis quando ele começou sua carreira de pesquisador - a miscelânea de observação imperfeita e de preconceito provinciano com a qual ele foi obrigado a lidar para chegar aos fatos. Certamente que havia excelente material informativo de estudiosos como Cranz, Sahagun ou Callaway. Mas mesmo o mais respeitável dos escritores mais antigos tendia a declarar como fato o que era grosseira desinformação de segunda mão ou grosseira interpretação errônea devido à ótica matizada pela civilização

² Os dados biográficos foram retirados do esboço de Lang no volume de aniversário citado acima e da nota de obituário do Professor Haddon na *Nature* (janeiro II, 1917), p. 373.

³ A *couvade* compreende um complexo de processos rituais que envolve o homem em experiência imediata de paternidade, de modo que ele, - a depender da cultura indígena sob análise, - é felicitado pelo nascimento do recém-nascido e passa, então, a uma fase liminar de dietas e resguardo até que o cordão umbilical do bebê caia.

européia. O que dizer quando encontrarmos Burton declarando que os *Arapaho* possuíam um vocabulário tão limitado que dificilmente podiam se comunicar na escuridão de gestos invisíveis, ou Baker negando qualquer forma de religião aos aborígenes da região do Alto Nilo? Na avaliação de tais declarações, Tylor demonstrou um instinto quase infalível, tanto mais louvável porque muitas das declarações selvagens desse tipo teriam se encaixado admiravelmente naquele esquema evolucionário geral do universo que ele mesmo estava ajudando a desenvolver.

Este julgamento crítico transparece na discussão de problemas teóricos, bem como na avaliação da credibilidade da informação de viajantes, mas aqui o resultado não foi tão uniformemente satisfatório. Na verdade, a questão que se impõe é de se a famosa cautela de Tylor às vezes não era conformidade com um ideal ético científico de justiça em discussão, em vez de um traço inerente à sua constituição mental. Tylor certamente considerou judiciosamente a avaliação de prós e contras. Ao reler as *Pesquisas sobre a História da Humanidade*, posso entender a irritação de Wallace com a indecisão do texto e com o mal-entendido de Lubbock sobre o argumento quanto à origem única ou ao desenvolvimento independente da couvade. Mas indiferente à proteção formal que possa haver no encadeamento argumentativo, a conclusão às vezes aparece como um raio vindo de um céu azul, como quando a conexão histórica é usada para interpretar a existência em áreas remotas da cura pela extração de agentes patogênicos do corpo do paciente.

Este exemplo, contudo, aponta para Tylor com a maior vantagem possível em perspectiva histórica. Embora certamente um grande adepto da evolução independente dos fenômenos culturais em áreas distintas do globo, Tylor reconhecia a influência da difusão. Na introdução à tradução inglesa da *História da Humanidade* de Ratzel, Tylor contrasta "a pequena parte da arte e dos costumes que qualquer pessoa pode ter inventado ou adaptado para si" com "a grande parte que foi adquirida adotando de estrangeiros tudo o que foi visto de modo a atender às suas próprias circunstâncias". De fato, em muitos casos, Tylor avança mais longe em todos os eventos do que os modernos etnólogos americanos estão inclinados a seguir. O caso da cura por sucção já foi citado, enquanto outro capítulo do mesmo livro prefigura em princípio a recente hipótese de uma conexão cultural entre a América aborígene e o Velho Mundo. Independentemente do que possamos pensar das interpretações oferecidas por Tylor, a concepção tradicional americana de ter sido ele meramente um evolucionista da escola clássica soa ridiculamente falsa. Sua discussão sugestiva e conclusiva da *técnica do ferro malgaxe* é suficiente para mostrar que ferramenta valiosa Tylor às vezes fazia do princípio da conexão histórica.

No entanto, continua verdadeiro que o nome de Tylor sempre será mais proeminentemente conectado com a teoria da evolução. Nesse contexto, é muito conveniente assumir uma atitude crítica não embasada historicamente. Devemos, contudo, lembrar que, assim como Tylor teve que peneirar a massa caótica de observações etnográficas correntes para extrair os fatos, também na interpretação da história da cultura Tylor teve que lutar com uma poderosa e teologicamente inspirada teoria da degeneração contra a qual o princípio da evolução progressiva teve de ser estabelecido e defendido. Ter realizado essa tarefa de forma tão eficaz em si não é uma conquista insignificante para o crédito acadêmico e científico de Tylor. Mas Tylor enriqueceu ainda mais a teoria da evolução cultural com o desenvolvimento de um esquema definido e elaborado para o tema da religião. Entrar em uma discussão de sua teoria do animismo está fora de questão dentro dos limites deste ensaio. Basta dizer que, tal como apresentado em *Cultura Primitiva*, esta teoria do animismo continua, apesar de todas as críticas, a mais impressionante teoria da religião primitiva já elaborada.

Na etnologia filosófica Tylor contribuiu com o conceito de *sobrevivências* e o método intimamente associado de *adesões*, delineado em seu sempre memorável artigo *Sobre o método de investigação do desenvolvimento das instituições; aplicado às Leis de Casamento e Descendência*, que foi apresentado ao Instituto de Antropologia em novembro de 1888 e publicado no vol. XVIII (1889) de seu *Periódico Científico*. Deve ser considerado uma perda evidente para a ciência que os dados completos nos quais esta palestra foi baseada nunca tenham sido publicados. A ideia fundamental é a aplicação de métodos estatísticos aos dados da etnografia. Se dois ou mais traços culturais são encontrados repetidamente em associação, então, estamos lidando com uma combinação casual ou há uma correlação orgânica? Tylor compara o número de vezes que tal combinação pode ocorrer na teoria das probabilidades se cada característica for independente das outras com o número de ocorrências empiricamente encontradas, e, onde o último caso ocorre claramente em excesso, Tylor infere uma conexão causal. Desta forma, por exemplo, Tylor estabelece uma relação funcional entre a organização dual exogâmica e os sistemas classificatórios da terminologia de *parentesco*, entre o *tabu de parente por afinidade* e residência *matrilocal*, e entre a *couvade* e uma *organização materno-paterna mista*.

A própria ideia de introduzir algo do rigor das ciências exatas em um ramo do conhecimento que tantas vezes é somente o feliz terreno de caça do diletante em busca de curiosidade é de uma magnificência quase incomparável. Nada do que Tylor já realizara serve tão decisivamente para alçá-lo acima da multidão de seus colegas de trabalho. Sem esse papel, Tylor

poderia ter sido classificado como uma espécie de super Lang ou de super Frazer - mais universal em seu alcance do que ambos, mais sério e erudito do que o primeiro, muito mais confiável em seu julgamento do que o segundo. Mas o artigo sobre o *Método* o eleva imediatamente a uma categoria inteiramente diferente de intelectual.

Nas avaliações desta contribuição, várias questões devem ser consideradas em separado. Em primeiro lugar, bem à parte do argumento principal, Tylor conceituou de forma pioneira certos fenômenos que, desde então, apareceram mais ou menos proeminentemente na literatura etnográfica, tais como a *tecnonímia*⁴ e o *casamento entre primos cruzados*. Em segundo lugar, Tylor estava plenamente ciente do fato de que uma coisa é estabelecer o mero *fato* de que duas características estão causalmente relacionadas; e outra bem diferente é determinar a *razão* para a *associação*. O primeiro é de longe o mais importante metodologicamente e qualquer crítica que possa ser feita contra a concepção específica de Tylor sobre a natureza da correlação não afeta o núcleo do seu método. Isso permanece válido mesmo se rejeitarmos a interpretação evolucionária que Tylor aplicou a certas correlações observadas. Não encontrando casos de *couvade* entre *tribos matrilineares*, - mais de vinte casos entre povos com um *sistema misto* e oito em *comunidades patrilineares*, - Tylor não apenas inferiu que a instituição se originou no *sistema misto* e diminuiu com a *descendência paterna*, mas também que isso estabeleceu a prioridade de *descendência matrilinear*. Obviamente, essa conclusão não decorre dos fatos empíricos de correlação, mas já aponta para a aceitação de um *esquema unilinear de evolução*.

A objeção essencial ao artigo de Tylor, conforme apontado na discussão oral por Galton e Flower, repousa em sua negligência em relação ao fenômeno da *difusão*. Se a mesma combinação se repete cem vezes entre *tribos* que não tiveram conexão histórica, de fato estabelecemos uma regra de correlação orgânica; mas se a combinação foi disseminada de um único ponto de origem, não há como provar que estamos lidando com mais do que uma mera associação casual. Nós, nos EUA, que em uma extensão considerável aceitamos a *difusão*, mas que, ao mesmo tempo, admitimos um desenvolvimento cultural independente, somos confrontados com o fato de que exatamente os mesmos usos são encontrados em regiões remotas do globo entre as quais qualquer conexão permanece não comprovada. Por outro lado, essas semelhanças parecem corroborar outras funcionalmente relacionadas. Isso significa que, onde um dos traços ocorre,

⁴ A *tecnonímia* é a forma tradicional de designação de parentesco no ato cotidiano de marcação da identidade individual do membro do grupo, tal como, por exemplo, ao enfatizar a expressão *o filho do pai daquele avô*.

podemos legitimamente inferir sua associação única com o traço correlacionado. Devemos insistir contra Tylor que a *tribo* em questão pode ter emprestado a característica isolada de seu antigo contexto; mas afirmar que tal correlação, como aquela entre o *avunculado* e uma *organização matrilinear*, é devida ao mero acaso, faz-se ridículo, mais ainda do que o *grebnerismo*⁵ mais selvagem, que pelo menos não questiona o fato observado da identidade cultural completa. A melhor evidência para tal correlação orgânica parece-me ter sido o avanço no campo da nomenclatura de *parentesco*, em que o próprio Tylor estabeleceu a relação do sistema classificatório com a *exogamia*. Mas o método é aplicável a um número indefinido de problemas semelhantes; e os etnólogos farão bem em recorrer ao modo extraordinariamente estimulante e frutífero de investigações desenvolvido por Tylor.

Para além de suas contribuições específicas, Tylor tinha uma concepção clara do lugar da etnologia na civilização moderna. Os fatos da vida primitiva não eram para ele meros espécimes de um museu de esquisitices psicológicas, tampouco estava inteiramente satisfeito em usá-los como elementos ilustrativos de uma teoria do desenvolvimento cultural. Além de seus aspectos acadêmicos, Tylor afirmava sobre a etnologia que "tal pesquisa tem seu lado prático, como uma fonte de poder destinada a influenciar o curso das ideias e ações modernas". A visão da Humanidade tateando dolorosamente através das eras, desde a machadinha de punho até a tecnologia moderna, deve inspirar esforços ativos em expandir a herança do passado. Mas a etnologia também revela no direito moderno, na ética e na teologia inúmeros *sobreviventes* da *selvageria primitiva*, que preserva da destruição, consistindo, nas próprias palavras de Tylor "essencialmente ciências de um reformador."

Museu Americano de História Natural
Cidade de Nova Iorque

⁵ Relativo a Robert Fritz Gebner, eminente etnólogo alemão do início do século XIX. Gebner desenvolveu o importante conceito difusionista de *Kulturkreis* (círculo cultural).